

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

Disciplina: Produção de textos argumentativos em Língua Portuguesa

Professora: Jocelyne da Cunha Bocches

Aluno: Kleber de Oliveira Boelter

Data: abril de 2006.

Trabalho: Redigir um texto sobre drogas no ambiente universitário destinado à publicação no jornal do DCE.

A DROGA DO BODE

*“... e que você diga a ele pelo menos uma vez
quem é mesmo o dono de quem”.*

Frejat

De todos os males que se atribuem às drogas, do vício à violência, o pior deles é a hipocrisia. Pois é ela que permite que essa discussão fuja do sofá da sala, onde ela deveria estar bem sentada com os pés sobre a mesa de centro, encarando a todos de frente, e se refugie no banheiro, no quarto dos fundos ou, pior, nos guetos escuros da cidade.

As drogas estão sentadas ao nosso lado. Estão na lata de cola do moleque de rua. Estão na geladeira de nossos pais. Estão nas prateleiras de qualquer bar. Estão em carreirinhas sobre a mesa de centro das festinhas descoladas. Estão na mochila do universitário. Aliás, estiveram nas folhas e raízes do homem primitivo, freqüentaram os cachimbos dos indígenas, embalaram ídolos da música e do cinema, foram mesmo um ícone de uma geração que decidiu emergir do ambiente macabro da guerra e falar de paz e amor.

Vamos colocar o bode na sala. Noventa por cento de nossos jovens consomem drogas. Sim, álcool e cigarro devem ser incluídos nessa discussão anti-hipocrisia. Porque o que deve definir o conceito de droga não é a lei, mas a tênue fronteira entre saúde e doença. Um alcoólatra pode se matar, bebendo perfeitamente dentro da lei. Um consumidor eventual de maconha pode ir parar na prisão. A lei os diferencia pelos motivos errados e, por isso mesmo, erra também.

O controle do consumo de drogas não passa pela força policial, mas pela força educacional. Começa no ambiente familiar, passa pela escola e se define de

verdade na saúde mental de cada um. A droga não está aí para salvar ou matar, para inspirar ou deprimir: ela está aí para substituir alguma coisa, para preencher um vazio. Pessoas de auto-estima elevada não se entregam ao vício, o que não é o mesmo que não consumir drogas.

Assim, a discussão sem hipocrisia desemboca em dois aspectos básicos: o consumo e o tráfico. Quem deve controlar o consumo de drogas é o próprio indivíduo, instrumentalizado para isso pelo ambiente familiar e pela educação formal. Se ele perder o controle e o rumo, entramos na esfera médica, e não na carcerária.

Do outro lado está a questão do tráfico, fonte inesgotável de violência, crimes bárbaros e destruição da juventude pobre desse país, aliciada como escravos. O tráfico, hoje, é mais do que um problema: é um outro país dentro do Brasil. Não um país circunscrito a marginais que se refugiam da polícia e cometem crimes na clandestinidade. Esta outra nação tem território, governantes, população, leis, código de ética e cultura próprios. Ela tem fronteiras que a nossa polícia não ousa transpor. Seus cidadãos andam armados de pistolas, fuzis e metralhadoras à luz do dia, diante de câmeras de TV que espalham as imagens não apenas nos dois países, mas no resto do mundo. Eles chegam a extremos que nenhuma outra nação fronteira, nos tempos modernos, ousou: enfrentam mesmo o nosso exército.

Para essa segunda questão, só há uma alternativa: anexar esse país clandestino. E isso significa guerra. Implica em destruir suas lideranças, incorporar seu território e sua população e submetê-las à lei do Brasil. Mas isso só é viável se seu principal sustentáculo econômico, as drogas, também forem incorporados ao sistema legal brasileiro.

Se ainda restar qualquer dúvida, convém consultar alguns livros de história e ver o que aconteceu nos Estados Unidos quando foi decretada a Lei Seca, em 1920, onde Al Capone representou apenas o elo mais visível. Qualquer semelhança com as favelas do Rio de Janeiro e de outras grandes cidades, incluindo aí a corrupção policial, não é mera coincidência.

O bode está na sala. Vamos encarar o bicho.

Kleber Boelter

Aluno do curso de Letras – PUC RS